

Eneida¹

Abguar Bastos²

Se tive uma amiga leal, dedicada, destemida e talentosa, foi Eneida.

Conhecemo-nos na redação de *O Estado do Pará*. Ela costumava visitar o proprietário Afonso Chermont e o redator chefe Alcindo Cacela.

Eu estava no auge da inspiração poética, em plena fase modernista.

Colaborava em *A Semana*, *Belém Nova*, *A Tribuna*.

Por sua vez, Eneida escrevia seus belos poemas amazônicos, também, ao estilo solto dos modernistas.

Mandava-me o que escrevia, pedia-me opinião. Conversávamos longamente na redação. Ela era inteligente e lia muito. Uma ocasião me presenteou com um Mistral e em outra, *A Viagem Maravilhosa*, de Graça Aranha.

Guardei, por algum tempo, os originais seus, vozes poéticas e suaves com lampejos tropicais. Escrevi, com entusiasmo, sobre seu livro *Terra Verde*, que pode figurar entre os clássicos do modernismo.

Era de uma beleza tranqüila, a que seus olhos verdes davam um tom de mistério.

Ao ir residir no Rio, enveredou pela política ideológica, pagou nas prisões seu ideal, sofreu e ressurgiu dos agravos como uma das mais brilhantes cronistas do Rio de Janeiro.

Sabia fazer amigos. Era alegre e prestigiada por natureza. Quem a conheceu não poderia esquecê-la.

Devo-lhe um ato sagrado. Raro. De mulher corajosa.

Participante como civil da revolta do 26º Batalhão de Caçadores, acompanhei a retirada da tropa, que deixara Belém na madrugada de 6 de outubro de 1930, rumo ao imprevisível, com o nome de Coluna Revolucionária do Pará, um dos braços, do Norte, da Revolução, que perdera, morto pelo sentinela, o Oficial de Marinha Castilho França, que iria chefiar a insurreição.

Depois de alcançar Viseu e transpor o rio Gurupi, acampamos em Carutapera, no Maranhão.

Em seguida, alguns militares e eu voltamos ao

rio Gurupi e alcançamos, já no Pará, um vilarejo onde havia uma estação telegráfica, através da qual entramos em contato com Landry Salles, que chefiava as tropas revoltadas no Ceará e fez questão de conversar pelo Morse com o comandante da nossa coluna, Ismaelino Castro.

Quando Ismaelino deixou Carutapera com o tenente Gonçalo Castelo Branco Leão, mais tarde general e meu cunhado, e conversou com Landry, tomamos uma lancha de volta ao Maranhão.

Foi quando, noite bem escura, ao aportarmos em Viseu, fomos surpreendidos por um batalhão da Polícia Militar e aprisionados.

Depois de uma noite, já em Belém (obrigaram-me a atravessar as ruas centrais da capital do Pará devidamente escoltado), preso numa cela da Chefatura de Polícia, levaram-me para um navio-presídio.

Ficamos, fronteiros, cada qual num camarote, Gonçalo Castelo Branco e eu.

Naquela altura, só o destino poderia saber do nosso futuro se a revolução fracassasse.

E foi, na pior semana de desânimo e preocupações, incomunicável, que, de repente, um clarão luziu por trás da tela de uma das pontas do camarote.

Era Eneida, sorrindo e fazendo o sinal da vitória. Eneida a única a transpor, até hoje não sei como, a barreira dos soldados que guardavam o navio e os presos.

Trouxe-me alento e confiança, amizade e solidariedade.

Arriscava-se. Como uma borboleta de asas verdes, viera adejar, com o brilho da esperança, sobre a cabeça do proscrito.

A última vez que a vi foi no Rio, numa festa, já sabendo ela do terrível mal que a levaria para o túmulo.

Dorme em paz, minha amiga, minha extraordinária e fiel amiga!

1. Crônica publicada na Revista da Associação Paraense de Escritores - ano VII - nº 7 - 1992.

2. Abguar Bastos - jornalista, foi representante do Instituto Histórico e Geográfico do Pará, no Rio de Janeiro.